

A GREVE GERAL FOI UM SUCESSO

São Paulo parou em repúdio ao governo

Surpreendente adesão à greve no centro operário do país. Metalúrgicos estiveram à frente. Metroviários cumpriram papel chave. **Pag. 8**

Gaúchos foram à greve com grande entusiasmo

Com passeata de vinte mil pessoas e grande combatividade. Dois mil trabalhadores de Canoas caminharam até Porto Alegre. **Página 5**

Manifestações operárias tomam conta do Brasil

No Rio, 80 mil nas ruas; no Recife, metalúrgicos param as máquinas; na Bahia, operação de guerra da PM gerou clima de revolta. **Página 5**

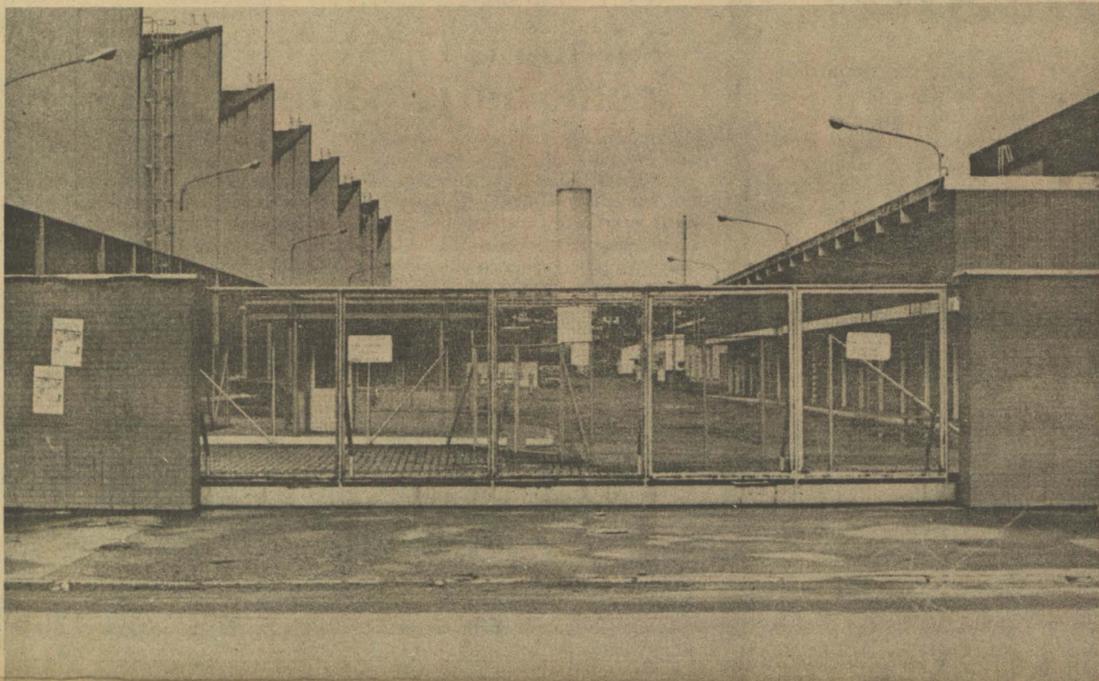


Foto Miriam Fichtner



As fábricas vazias no dia 21. Os operários pararam e os grevistas gaúchos fazem passeata em Porto Alegre.

EDITORIAL

Greve proletária

Os operários têm razões de sobra para sentirem-se orgulhosos com a greve geral do dia 21. Foi um fato político da maior envergadura no período desde o golpe militar de 1964. Durante mais de duas semanas sua preparação foi o assunto central do país. E seus desdobramentos se farão sentir daqui para frente, por muito tempo.

Foi uma greve essencialmente proletária. Pararam as principais fábricas no coração industrial do país, São Paulo. E em todo o Brasil foi também a classe operária que puxou o movimento de massas que mobilizou milhares e milhares de trabalhadores.

Houve certamente debilidades, que não empanam o sucesso da luta. Apesar de ser uma greve política, a direção sindical na maioria dos locais tendeu a amortecer este caráter. E a imprimir um ritmo passivo ao movimento. Mas estes problemas refletem o grau de consciência, de organização, mobilização e direção do movimento sindical. Uma greve ativa exige um nível mais elevado de organização nas fábricas e Sindicatos com mais raízes nas massas operárias, assim como lideranças com verdadeiro espírito proletário.

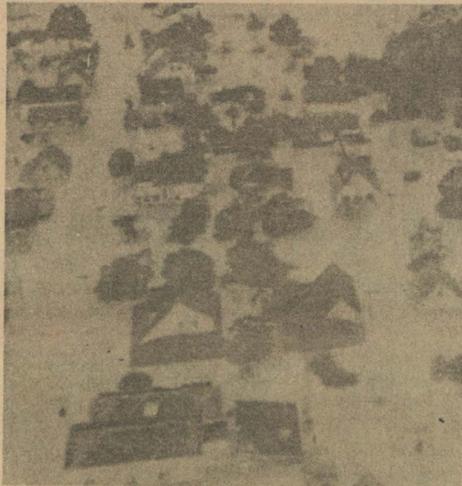
Do ponto de vista do futuro, a greve geral deve significar um rompimento com o imobilismo no movimento sindical e uma perda de terreno das tendências exclusivistas e reformistas. Setores como Joaquim Andrade sentiram isto e tratam de se adaptar ao novo ritmo do movimento. Se as forças de vanguarda compreenderem esta mudança, saberão manter o caráter unitário do movimento mas ao mesmo tempo promover as posições e as lideranças mais ativas e conseqüentes. Isto tem enorme importância, em particular na preparação do Conclat.

O caráter proletário deste movimento nacional despertou um ódio raivoso na burguesia. Apesar de tão divididos, os grupos das

classes dominantes se aproximaram para combater a greve. O argumento básico que usaram é que não adianta, porque o povo não tem nenhum papel a jogar nos rumos do país. Para os poderosos, aos trabalhadores cabe unicamente labutar sem descanso para garantir lucros elevados aos capitalistas. Inclusive os governadores Brizola e Tancredo fizeram questão de somar suas vozes no ataque aos grevistas. E o governador Montoro, embora tivesse se manifestado simpático anteriormente, no dia da greve não teve coragem de resistir à altura diante da verdadeira intervenção branca em São Paulo. Permitiu que a Polícia Federal e o próprio Exército assumissem na prática o comando da repressão. Revelou-se assim o caráter instável e vacilante de certos setores que compõem a frente oposicionista. Apesar disto, tanto o PMDB como o PT apoiaram a greve, embora com gradações diferentes das suas diversas facções.

O governo desfechou golpes no movimento dos trabalhadores, particularmente com a intervenção em cinco Sindicatos. Agora, tenta diminuir o alcance da greve geral. Não poupa mentiras e calúnias para desmoralizá-la. Mas nada disto será capaz de anular a importância da luta travada pelos operários. Nem de esconder que o regime sofreu uma amarga derrota, repudiado por um movimento unitário e nacional de massas.

A greve geral impôs-se como uma exigência da luta. As perdas sofridas não podem ser desprezadas mas não são irreparáveis. O movimento de unidade popular projeta-se no cenário político com o proletariado à frente. Criam-se condições mais favoráveis para a luta contra o regime, por eleições diretas para presidente, contra o FMI, pela recuperação dos Sindicatos sob intervenção e pela liberdade sindical.



Depois do dilúvio, a exploração.

As tragédias das cheias e do capital

O povo de todo o país se irmanou com os sulistas flagelados pelas cheias. Mas a voracidade dos capitalistas agrava seus sofrimentos. **Página 7**

Teotônio Vilela dá apoio à greve e condena repressão

Num clima de entusiasmo, realizou-se no fim da tarde de quinta-feira a reunião de avaliação da greve geral. O encontro acabou se tornando um importante evento político, reunindo dirigentes e ativistas sindicais, parlamentares, o presidente regional do PT e o presidente nacional do PMDB, Teotônio Vilela, que viajou para São Paulo para prestar sua solidariedade à greve. Ele foi o mais aplaudido, por seu eloqüente discurso: "O Brasil, depois do dia 21, é outro".

O presidente do PMDB fez duras críticas ao Planalto e à sua política econômica. Rechaçou a "intervenção branca" do governo federal em São Paulo com pressões sobre o governo estadual, intervenções nos Sindicatos e ação violenta da Polícia Federal. Fez observações críticas também à atitude do governo Montoro: "É preciso ficar bem claro que o presidente do partido sou eu. E que o PMDB se reserva o direito de julgar a conduta dos governos de oposição com relação ao movimento patriótico de vocês. O que vi no ABC foi um ato

de vandalismo absurdo. A PM não deve nem pisar no solo sagrado da luta dos trabalhadores".

Demonstrando a impossibilidade de conciliação com o Planalto, "esse governo podre", conclamou: "Não se pode ficar em ambigüidades e vacilações. O Brasil precisa de definição. É preciso unidade. Unidade dos trabalhadores, dos patriotas, para acabar com este câncer que é o governo.

Logo após a reunião, Teotônio convocou uma comissão de sindicalistas para uma audiência com Franco Montoro no Palácio dos Bandeirantes. Alegando uma crise de asma, o governador não compareceu; a comissão foi recebida pelo presidente regional do partido, Fernando Henrique, e pelo Secretário de Justiça, José Carlos Dias. Este concordou que houve excessos da PM e não dos trabalhadores, e que os casos serão apurados. Entrevistado pela Tribuna Operária sobre as violências policiais, Teotônio foi taxativo: "Sou contra tudo isto. É um absurdo!"



A polícia de Pinochet investe contra manifestantes na jornada do dia 11; duas jovens foram mortas a tiros.

Povo chileno ganha ânimo nas jornadas de protesto

Como fracassou o milagre de Pinochet

O golpe militar do general Pinochet, que derrubou o presidente Salvador Allende há dez anos, selou a derrota de toda uma corrente política e ideológica que buscava se afirmar sobretudo na América Latina: o nacional-reformismo. De fundo nacionalista burguês, essa visão tentava restringir as transformações progressistas e patrióticas aos estreitos limites impostos pelos poucos e frágeis regimes democráticos do nosso continente. A experiência chilena provou sua inviabilidade.

Com Pinochet no poder, o imperialismo estadunidense tratou de usar o Chile como modelo de outra alternativa para os países latino americanos: o pleno desenvolvimento capitalista nos marcos da dominação ianque. Para isso enviou a Santiago, em 1975, o reacionário economista Milton Friedman, que, com seus "Chicago boys", transformou o Chile num autêntico laboratório de experiências para suas teses "monetaristas".

A RECEITA DE FRIEDMAN

A receita do modelo era simples — retorno ao mais puro liberalismo econômico capitalista, mesmo às custas de um dos mais sanguinários regimes de terror que o mundo já viu. Foi abolida toda proteção à indústria nacional. Reduziu-se para 10% o imposto sobre todo e qualquer produto importado. Eliminaram-se todas as restrições à entrada de capitais estrangeiros e à remessa de lucros para o exterior. Das 507 empresas estatais existentes, Pinochet só manteve 15, numa orgia de privatização. Os gastos públicos foram cortados ao máximo.

A meta central dos "Chicago boys" de Friedman era reduzir a qualquer custo a inflação — com um tratamento de choque do tipo Roberto Campos. De fato a inflação ceceu, de 508% em 1973 para 9,5% em 1981. Mas o choque do tratamento tornou-se insuportável para a nação chilena.

Para debelar a inflação, liquidou-se a indústria nacional. Passou-se a importar tudo do exterior, a preços mais reduzidos, desde biscoitos e fósforos até computadores e automóveis. Nada menos de 40% das importações chilenas, hoje, são bens de consumo corrente. Enquanto isso, o país se especializava na exportação de matérias-primas, como o cobre.

O MODELO RUIU

Por certo tempo, a penetração maciça de capitais estrangeiros manteve um falso crescimento da economia, que valeu rasgados elogios à política de Friedman. De 1976 a 1980 os investimentos estrangeiros subiram quase dez vezes, de 262 milhões de dólares para 2,5 bilhões. O PIB chileno chegou a crescer quase 10% ao ano, no fim dos anos 70.

Mas no início dos anos 80, sob o impacto



Pinochet: a ditadura do capital estrangeiro

da crise capitalista mundial, o modelo dos "Chicago boys" ruiu como um castelo de cartas. O preço da libra de cobre caiu de 1,32 para 0,67 dólares. E cada centavo de queda representava menos 24 milhões de dólares na receita anual. O Chile passou a ter crescentes dificuldades para pagar sua dívida externa, que passara de 3,4 bilhões de dólares em 1973 para 17 bilhões.

A partir de maio de 1981 começaram as falências em massa. De maio a dezembro faliram cinco das maiores empresas chilenas: o maior complexo açucareiro do país, em Viña del Mar; a indústria de rádio e TV; a Frutera Sudamericana, que exportava sucos e frutas; a Fábrica Nacional de Lozas, única fábrica de porcelanas do Chile; e a enorme empresa têxtil Manufacturas Chilenas de Algodón. Nos oito primeiros meses de 1982 quebraram outras 533 empresas.

Com isso o produto bruto chileno teve uma queda dramática, de 13% no ano passado. O desemprego, que já subira de 3,8% em 1973 para 15% com a implantação do modelo de Friedman, alcança hoje quase um terço dos trabalhadores. E este quadro atinge em cheio a classe média que se beneficiou do "milagre" chileno. Há mais de 16 mil profissionais e técnicos desempregados, bem como 3.500 gerentes de empresas. A oferta de emprego para engenheiros caiu 67% de 1981 para 1982. Enquanto isso, a inflação voltou a subir — chegando hoje a um índice de 35% ao ano.

Assim fica fácil entender por que a classe média, que apoiou o golpe de Pinochet, hoje junta-se com os trabalhadores para condenar o regime militar.

(Luis Fernandes)

O êxito das manifestações no Chile dia 11, terceira "Jornada Nacional de Protesto", já produziu resultados. O sanguinário general Pinochet teve de libertar várias pessoas presas às vésperas do protesto, entre líderes sindicais e dirigentes da Democracia Cristã, agora na oposição.

O próprio jornal El Mercurio, porta-voz da direita chilena, reconheceu que foi a maior manifestação no país desde o golpe militar de 1973. E isto apesar de Pinochet ter proibido a sua divulgação e decretado até o toque de recolher. As formas usadas foram protestos-relâmpago, ao som do bater de panelas, que tiveram impressionante adesão. O plano das oposições é realizar uma quarta jornada, dia 11 de agosto, e outra ainda maior no 11 de setembro, dia do décimo aniversário do golpe.

Dois traços marcantes sublinharam a importância dos protestos. O primeiro, mais importante e massivo, foi a mobilização particularmente ampla nos bairros operários da periferia de Santiago, Concepción e outras cidades. Justamente ali a polícia empregou a violência mais brutal, fazendo centenas de detenções e matando duas jovens, de 19 e 17 anos. Porém o vigor dos manifestantes, que inclusive reagiram à polícia, mostra que o povo chileno começa a se recompor da derrota de 1973.

A segunda característica da jornada foi a adesão de vastos setores médios que, há dez anos, serviram de base de massas para o golpe militar mas agora passaram-se à oposição, devido ao esmagamento econômico que sofreram (veja o box). É esta virada da pequena e da média burguesia que explica a recente passagem da democracia-cristã para a oposição.

Alguns êxitos da Campanha Karl Marx

Encerramos no último dia 20 a Campanha Karl Marx da Tribuna Operária. Pretendemos na próxima edição apresentar para os leitores um balanço geral dos resultados. Já podemos adiantar que a meta principal, que era alcançar uma venda semanal de 50 mil jornais, foi praticamente cumprida, já que na edição passada/chegamos a 46 mil. Tivemos também um imenso progresso em relação às matérias recebidas das diversas sucursais. Hoje inclusive temos grande dificuldade para selecionar com critério o material a ser publicado, devido ao grande afluxo de artigos vindos de todo o Brasil. As páginas do jornal já são poucas para comportar tudo o que é enviado. Provavelmente nosso próximo passo seja passar para 10 páginas.

Uma retificação: na semana passada os dados são de Mato Grosso, e não de Mato Grosso do Sul, como foi publicado.



A Tribuna Operária firma-se como um jornal de massas

Um jornal de combate. E nestes dias em particular, um jornal da greve geral. É isto que os operários exigem atualmente da Tribuna Operária: um instrumento para informar sobre o que está acontecendo e para formar uma opinião única do proletariado sobre os rumos da batalha em curso. E, como não podia deixar de ser, um jornal voltado principalmente para o coração da classe operária do país, no Estado de São Paulo.

Dentro deste espírito, nestes dias está havendo uma verdadeira ebulição entre os tribuneiros paulistas para cumprir as suas tarefas. Em São Bernardo, na última edição a sucursal dobrou a cota de vendas e já na terça-feira tinha esgotado todos os jornais — vendidos na totalidade para operários. Campinas aumentou a sua cota em 40% e também esgotou os jornais, principalmente na venda aos trabalhadores e em atividades de apoio à greve. No município de São Paulo também houve

um aumento de 60% na venda, sendo que só em um mutirão, na Praça da Sé, em pouco mais de uma hora foram vendidos 637 jornais. No conjunto do Estado, a cota passou de 10 mil para 14 mil na última semana.

Este é o espírito da Campanha Karl Marx: fazer a ligação do marxismo-leninismo com a atividade prática do proletariado; transformar a Tribuna Operária num instrumento da luta política e ideológica da classe operária.

Para cada operário consciente, para os militantes da luta pela liberdade e pelo socialismo, o jornal deve ser uma arma que una as massas em seu local de trabalho e de moradia ou nas escolas. E a greve cria um clima onde todos discutem política, todos estão à procura de explicações para os acontecimentos e de rumos seguros para a luta. E neste terreno que as idéias proletárias têm as melhores condições para se espalhar para amplas massas.

Um jornal que ajuda a mobilizar o povo



Paulo Azevedo

"Assinar um jornal da imprensa popular é uma contribuição com a luta dos trabalhadores. E a Tribuna Operária sempre se caracterizou, desde o seu primeiro número, pela defesa da libertação dos trabalhadores.

Neste sentido, é de fundamental importância nos solidarizarmos com os companheiros da Tribuna Operária que estão sendo processados pela Lei de Segurança Nacional e é também muito importante a gente dar nossa contribuição financeira, através da assinatura do jornal".

Paulo Azevedo, presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo.



Paulo Paim

"A gente sabe que a imprensa do sistema não publica realmente a posição em que se encontram os trabalhadores. A Tribuna Operária dá um quadro real da situação calamitosa em que vive o povo brasileiro e da informação dos conflitos dos explorados contra as classes dominantes. Mostra a luta dos trabalhadores". Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, RS.

Jaruzelski troca Lei Marcial por "Salvaguardas"

Foi o general Jaruzelski que anunciou, para esta sexta-feira, o fim da Lei Marcial vigente na Polônia desde o golpe militar de 13 de dezembro de 1981. Mas os poloneses não se alegraram, pois os mecanismos repressivos da Lei Marcial passarão a figurar, em caráter permanente, na Constituição da chamada República Popular Socialista da Polônia.

A medida foi anunciada poucos dias depois da visita do papa João Paulo II à Polónia, quando, ao que tudo indica, o regime militar de Varsóvia e a tradicionalmente reacionária Igreja Católica polonesa chegaram a um compromisso. Os líderes do proscrito sindicato "Solidarnosc" foram aconselhados à moderação pelos hierarcas eclesiais; em troca, Jaruzelski aceitou agora

com uma medida supostamente liberalizadora, embora sem maiores efeitos práticos: substituiu a Lei Marcial por medidas semelhantes às "salvaguardas" da Constituição brasileira, para casos de "ameaça contra a segurança interna do país"; e concede uma anistia aos presos políticos, mas não geral nem irrevogável, pois mais de cem pessoas continuarão apodrecendo nos cárceres.

Não há sinais, no entanto, de que a opinião pública polonesa se disponha a engolir a pilula. Para os dirigentes do "Solidarnosc", trata-se de um "gesto sem importância real". O próprio Lech Walesa, embora tradicionalmente um dos líderes mais submissos à orientação da Igreja, pronunciou-se em termos bastante duros, dizendo que se pudesse escolher preferia a Lei Marcial às reformas na Constituição.

No pano de fundo da con-



O general Jaruzelski: recursos típicos do capitalismo em crise...

trovêrsia, permanece a crise polonesa, que combina os mais diversos ingredientes das crises nos países tipicamente capitalistas: uma economia em destroços, submetida ao ditame do FMI e que vem pedir prorrogação para o pa-

gamento das dívidas que não pode pagar; e um regime político inteiramente desacreditado, obrigado a recorrer aos artifícios do golpe e da ditadura das Forças Armadas para conter a maré montante do descontentamento popular.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda. R. Adoniran Barbosa, 53 (antiga Trav. Brig. Luis Antônio) — Bela Vista — São Paulo-SP. CEP 01318.

Anual de apoio (52 edições) - Cr\$ 7.000,00
Anual Comum (52 edições) - Cr\$ 3.500,00
Semestral de apoio (26 edições) - Cr\$ 3.500,00
Semestral comum (26 edições) - Cr\$ 1.750,00

Nome:
Endereço:
Cidade: CEP: Estado:
Telefone: Profissão:
Data:

DM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Como da outra vez em que substituiu Figueiredo, Aureliano é tutelado.

Aureliano repete o que lhe ordenam

Aureliano Chaves fez chegar à imprensa que, em relação à greve geral o seu governo ia "preservar a autoridade e usar a lei". Ou seja, confirmou que o seu papel é repetir as velhas e truculentas fórmulas usadas pelo regime militar. Não governa, cumpre ordens.

Antes de anunciar a posição do governo, Aureliano teve que se reunir com os ministros militares, com o secretário geral do Conselho de Segurança Nacional, general Danilo Venturini, e o ministro da Justiça, Abi Ackel, que foi encarregado de comunicar à imprensa o que foi resolvido. Mesmo assim, pouco depois o próprio general Venturini veio reafirmar o que já tinha sido dito, talvez com o único objetivo de mostrar sua autoridade. Lamentável que não seja tão rigoroso com o FMI.

Apesar da boa vontade demonstrada por Aureliano em obedecer e aplicar tudo o que for decidido pelo Conselho de Segurança Nacional, o regime não confia nele o suficiente. Prova disto é a freqüente repetição de que Figueiredo logo estará de volta. É um recado para Aureliano: "Seu papel é de quebra galho. Não se entusiasme porque o dono da cadeira já vem vindo." O general Otávio Medeiros, por exemplo, sempre silencioso como condiz com seu trabalho de chefe do SNI, desta vez tomou a iniciativa de falar. O general Figueiredo nem bem tinha deixado

a mesa de operação e ele já declarava que, no máximo daqui a uns 30 dias, o presidente voltaria a seu lugar no Palácio do Planalto. E agora até o médico que operou Figueiredo foi convencido a dizer que ele pode voltar a exercer todas as funções já em agosto.

A situação de Aureliano é tão insegura que até mesmo para tratar das enchentes no Sul do país foi obrigado a passar o comando para o general Venturini, secretário geral do CSN.

Nesta situação, com um duplo comando no poder executivo, um real e outro aparente, a nação é informada de que um novo acordo está sendo concluído com o FMI. Deste sistema, imobilizado por sua própria incompetência, só se pode esperar mais capitulação e mais traição à pátria.

Democratas apóiam os trabalhadores em greve



Iris Rezende

Iris Resende Machado, governador de Goiás

O governador de Goiás, Iris Resende considerou o movimento grevista legítimo e afirmou que "a greve com ordem é o instrumento que o trabalhador tem para expressar suas dificuldades e mostrar suas reivindicações às autoridades".



Severo Gomes

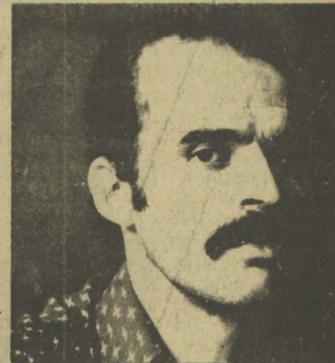
Severo Gomes, do PMDB, ex-ministro do governo Geisel

"Olha, esse movimento do dia 21 mostra uma atitude crítica com relação à política econômica do governo, a todo esse conjunto de decisões que não só tem afetado a vida dos trabalhadores mas, em paralelo, compromete a própria segurança nacional. Eu diria que todos os temas gerais do protesto estão no programa do PMDB. Estamos vivendo um momento difícil; é claro que todos têm consciência da gravidade do momento. Mas as mobilizações são justamente para enfrentá-lo, adequadamente, sem dar ouvidos a pequenos grupos que queiram desvirtuá-las".

TO. Qual a opinião nos meios empresariais a este respeito?

Severo. Eu não fiz, vamos dizer, uma enquete a respeito, mas o que se pode dizer é que estes temas hoje estão unindo a grande maioria da sociedade, num amplo arco, que inclui muitos empresários."

Praticamente todos os setores que se opõem ao regime militar consideram a greve geral legítima. Empresários, setores progressistas da Igreja, governadores, partidos políticos... E amplo o espectro político que acha justa, legítima e necessária a paralisação geral dos trabalhos em repúdio ao governo.



Djalma Bom

Djalma Bom, presidente regional do PT-S.Paulo

"A greve é legítima. São os trabalhadores lutando pela soberania nacional e por isso o PT dá apoio integral à greve geral."

Indagado se a greve seria uma manobra do PT ou de outras organizações políticas, Djalma respondeu que "a greve é dos trabalhadores, e quem afirma uma coisa dessas na realidade não quer que os trabalhadores atinjam seus objetivos".



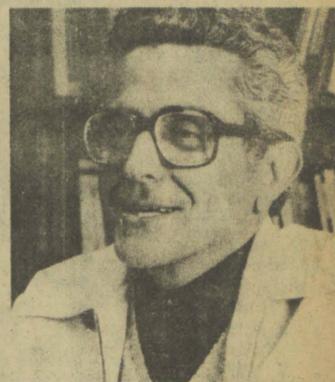
Teotônio Vilela

Teotônio Vilela, no exercício da presidência do PMDB

O presidente do PMDB, Teotônio Vilela, foi ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no dia 18, dar seu apoio à greve: "Esta greve é para que todos sintam que nós temos condições de lutar pelo nosso país, pelo nosso povo. Aqui é uma reunião que está discutindo a soberania nacional. Eu defendo a luta pela melhoria dos salários, mas a nossa luta é fundamentalmente pela soberania nacional. As diretrizes do governo são ditadas por Washington. E nós estamos brigando contra dois governos — o de Brasília e o de Washington. Nada mais está tão inseguro hoje do que a Segurança Nacional. Nós esperamos que com essa greve de advertência o governo tome consciência de que ou se põe um paradeiro a isso ou o país caminha para uma explosão social".

Teotônio acha que a participação direta dos trabalhadores na decisão dos assuntos nacionais "é um fato que deve ser louvado por todos nós, é uma prova de que o país não está inerte".

O presidente do PMDB discordou das correntes políticas que acham que a greve ainda não é o caminho mais viável no momento e propõem o diálogo com o governo: "O diálogo já foi esgotado. Tanto é que este último pacote foi decretado sem ouvir o povo, rebaixando ainda mais as rendas do trabalhador".



Dom Angélico Sândalo

Dom Angélico Sândalo Bernardino, vice presidente da CNBB

"O que eu posso dizer é que, pessoalmente e estando também na Pastoral operária, nós estamos plenamente solidários com o movimento operário, nesta sua tentativa de fazer ouvir a sua credenciada voz, que até agora tem sido abafada. Que esta greve se justifica é mais do que evidente, porque o peso da opressão está cada dia mais sufocante. Eu vejo que esta greve, e mais do que ela toda essa mobilização, está eligendo de alguma forma unir a classe trabalhadora, além de tantas divergências, em torno de objetivos comuns mais altos. Este é para mim o grande saldo positivo desta jornada de 24 horas".

O Grupo Matarazzo afundou nas dívidas

Afundou o mais famoso grupo da burguesia brasileira, o grupo Matarazzo. Símbolo da industrialização do país, não suportou a dívida de 110 milhões de dólares e pediu concordata no dia 18 deste mês. Um sinal de alarme soou entre os empresários brasileiros. Enquanto isto os burocratas do FMI devem estar sorrindo. Seu "remédio" está funcionando.

O aumento do número de falências e concordatas neste ano foi de mais de 150%. Mas desta vez entrou em pane um dos maiores grupos econômicos da América Latina, com 30 empresas e um patrimônio de meio bilhão de dólares, aproximadamente um quinto do orçamento de São Paulo.

O grupo Matarazzo tem mais de 100 anos de vida e emprega quase 20 mil funcionários, em quase todas as áreas da indústria e do comércio. O motivo principal da concordata foi uma dívida de 110 milhões de dólares, o que equivale a 65 bilhões de cruzeiros — uma quantia que daria para pagar seus empregados durante quatro anos.

UM ALVO FALSO
O documento apresentado pela presidência do Grupo Matarazzo, assinado por Maria Pia Matarazzo é de uma cegueira total. Demonstrando desespero, o texto acusa as empresas estatais e classifica a estrutura do modelo econômico brasileiro de "capitalismo marxista".

Deixa assim de lado as multinacionais e os bancos estrangeiros, principais responsáveis pela recessão e pelo modelo econômico atual. O documento alega que: "Considerando-se o enorme índice de estatização dos valores econômicos brasileiros (72%) e o ínfimo e decrescente percentual da economia privada (28%)..." Mas este raciocínio é falso. Ele parte do valor do patrimônio das empresas e não



Vai abaixo o mais tradicional grupo da burguesia brasileira.

de sua importância no quadro geral da economia. As empresas estatais são indústrias com enorme patrimônio. Mas quem domina o país são as multinacionais, que controlam os setores-chaves: química, mineração, exportação, importação, automóveis e muitos outros. Além disto as estatais estão na prática trabalhando para pagar dívidas contraídas com os bancos internacionais.

A cegueira é tanta que chega a atribuir às empresas estatais o próprio achatamento dos salários, ao passo que é de conhecimento geral que esta medida foi exigência direta do FMI e dos banqueiros internacionais.

MODELO MARXISTA?
Também é um erro grosseiro de Dona Maria Pia quando diz que "os burocratas estão aplicando o marxismo sob a barba dos militares", dando a entender que os generais estão sendo enganados. Mas foram exatamente os generais que aceitaram publicamente

te todas as imposições do FMI, através do Conselho de Segurança Nacional. E ainda fizeram questão de anunciar isto em rede nacional de televisão.

Dizer que o modelo econômico brasileiro é de fundo marxista é demonstrar ignorância ou agir de má fé. É verdade que segundo as teses marxistas o Estado assume o controle da economia. Mas isto é apenas uma parte da moeda. É indispensável acrescentar que no socialismo a classe operária assume o controle do Estado.

No Brasil o Estado concentra cada vez mais poderes em suas mãos. Mas da mesma forma cada vez mais o capital estrangeiro concentra o seu poder sobre o Estado, por intermédio dos generais.

Os Matarazzo afirmam que "há um Estado dentro do Estado brasileiro". Para ser verdade, seria necessário dizer que este Estado são os Estados Unidos da América.

(Luiz Gonzaga)

PCB apela para a mentira na tentativa de sabotar a greve

Nada como uma grande batalha de classe para dizer quem é quem na cena política. O PCB de Giocondo Dias, diante do 21 de julho, revelou para que serve: investiu contra a greve geral e, derrotado, passou a sabotá-la — inclusive através da mentira e mesmo ao preço de isolar-se nos meios sindicais, na triste companhia dos trotsquistas da "Libelu".

Desgraçadamente para o PC Brasileiro, seu posicionamento oficial de que a greve geral "não é a forma de luta mais adequada e deve ser posta de lado pelas lideranças sindicais" saiu exatamente às vésperas dos fatos que provaram o contrário. Bem que os giocondistas ainda tentaram, na reunião dos 137 sindicatos, dia 9, impedir a aprovação de um dia de greve geral. Queriam apenas um "dia nacional de protesto". Porém a contestação foi tamanha e tão generalizada que esta proposta nem foi a votação. A posição aprovada, por unanimidade, para o 21 de julho, foi um *Dia Nacional de Greve, com Manifestações* (ver TO nº 127).

GIOCONDO DIAS MENTIU
Como explicar então o que o senhor Giocondo Dias escreveu no artigo generosamente publicado pelo *Jornal do Brasil* e a *Folha de S. Paulo*, uma semana depois? O senhor Giocondo, na tentativa de defender o "entendimento" com o governo antioperário, vende-pátria e enses, diz que "mobilizações precipi-



Giocondo: mentira no JB e na Folha

das não somam para a negociação, mas contam para o confronto desigual". E arremata com essa: "Parece que o movimento operário e sindical o compreendeu, ao superar propostas "foquistas" e encaminhar o *Dia Nacional de Protesto* (o grifo é de Giocondo)".

E como explicar o editorial da *Voz da Unidade* do dia 14, sob o sugestivo título: "Lutar para negociar, negociar para lutar", onde os giocondistas insistem que foi marcado o "dia nacional de protesto"?

A falsificação, além de desavergonhada e divisionista, no medo-pânico de um confronto com o governo, o PCB tentou dividir, confundir e esvaziar o dia 21 de julho.

conseguiu grande coisa, justiça se faça, não foi por falta de esforço.

Essa postura abre até certo ponto uma nova fase no desmascaramento e isolamento do PCB dentro do movimento sindical. Antes, o partido revisionista jogava com o atraso de grande parte dos dirigentes sindicais e com os pelegos para compor seu sistema de alianças, acomodado e avesso à luta: Com o 21 de Julho, abriu-se uma fratura nesse bloco. O que existe de mais importante no movimento sindical aderiu à bandeira unitária do dia de greve, embora com graus diferenciados de empenho e competência, deixando os partidários de Giocondo Dias isolados na direita. E como essa radicalização do movimento sindical tem como base um processo objetivo que continua, o espaço para os bombeiros no PCB tende a se reduzir mais.

PCB E LIBELU JUNTOS
Por curioso que possa parecer, os melhores aliados de fato que os giocondistas tiveram na sua ingloria cruzada contra a greve foram grupos trotsquistas como a chamada Libelu. Em seu jornal, *O Trabalho*, e em sua ação histórica, essa facção atuou em singular sintonia com o PC Brasileiro. Apenas os argumentos são diferentes. Para ela, a greve marcada para dia 21 foi fruto de "manobras de pelegos e stalinistas". E mais: "A greve geral é necessária, mas para isso precisamos vencer os pelegos e burocratas". Enquanto isto, sabotava a greve geral.

Presidente da Contag acha greve geral justa

José Francisco da Silva, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), acha que a decretação da greve geral no dia 21 foi uma decisão justa. Em entrevista à Tribuna Operária ele afirmou que no meio rural as intersindicais têm discutido esta questão, mas "no nosso meio as dificuldades para uma greve geral são maiores".

"Não temos dúvida da justeza desta decisão das entidades sindicais de deflagrarem um dia nacional de greve geral com mobilizações, atos públicos, passeatas", afirma o presidente da Contag. E acrescenta: "É um passo importante no sentido do fortalecimento da unidade dos trabalhadores no avanço das suas lutas contra esta política econômica do governo que através de atos e pacotes massacrava a classe trabalhadora".



José Francisco: "Não há outra saída"

"A classe trabalhadora está chegando a situação limite, a paciência está acabando. Não há outra saída senão o pessoal se mobilizar e protestar através de manifestações convocadas e coordenadas por suas entidades sindicais. A

decisão dos sindicalistas reunidos em São Paulo de marcar a greve para o dia 21 foi acertada. Ela respeita o grau de organização das diferentes categorias de trabalhadores e das diversas

regiões, na medida que determina como preferência a greve, mas também sugere atos públicos, passeatas".

DISCUTINDO A GREVE

José Francisco explica que "no meio rural o dia 21 está sendo discutido através das intersindicais, das quais as Federações dos Trabalhadores Rurais fazem parte. Não temos ainda um quadro de como o meio rural vai utilizar as várias formas de protesto. No nosso meio as dificuldades para uma greve geral são maiores. Os assalariados agrícolas de alguns Estados, como Pernambuco, Rio Grande do Norte, regiões de Minas Gerais, Goiás e até de São Paulo têm feito greves com certa rotina. Mas elas são em cima de questões econômicas da categoria, reivindicações salariais".

"Em se tratando de uma greve que tem um nítido caráter político, posicionando-se contra a política econômica do governo, a coisa é diferente. É uma situação nova na nossa área. Não temos condições ainda de adiantar se vai ter paralisação ou não. Os sindicatos dos trabalhadores rurais e as Federações estão discutindo a questão".



A classe operária deposita grande esperança na greve geral

Operários opinam sobre o papel da greve geral

Qual a importância da greve geral para a classe operária e o que muda no movimento sindical? A Tribuna Operária ouviu vários ativistas de importantes fábricas da capital paulista sobre o assunto. Há um consenso: com a greve os operários darão um salto no seu nível de organização e consciência e colocarão o governo militar contra a parede.

"Essa greve geral é da maior importância para a classe operária. Depois de 19 anos de regime militar terrorista, essa é a primeira vez que se faz uma greve geral. É uma paralisação de caráter político, o que é muito mais avançado do que as paradas comuns por aumentos salariais e contra o facção. Ela é contra o governo, contesta-o. Não que vá derrubá-lo agora, mas vai enfraquecê-lo, vai mostrar que ele não tem base de apoio entre os trabalhadores. Para atender à reivindicação da mudança da política econômica, o governo teria que romper com o FMI, coisa que já demonstrou que não está a fim. Com isso ele vai ficar em maus lençóis. A necessidade da derrubada deste governo vai ficar mais clara e quem sabe daqui a um tempo os operários não voltem a fazer uma nova greve geral para exigir eleições diretas para presidência da República".

"Por outro lado a greve geral vai colocar milhares e milhares de ope-

rários de diferentes categorias em movimento. E isto aumenta a confiança da classe na luta e na unidade. Tanto do ponto de vista da consciência e da organização haverá um grande avanço. Ou melhor já houve com a própria preparação da greve. Na Metal Leve nós caminhamos quilômetros em poucos dias".

"Essa greve é um rolo compressor. O próprio movimento sindical vai sofrer mudanças. Ela vai empurrar para frente muitos sindicalistas, inclusive vai mexer com os pelegos. Quem não trabalhar pela vitória da paralisação vai se desmascarar na prática. As briguinhas de cúpula vão perder espaço. Vão ficar brigando numa linha enquanto os trabalhadores vão estar lutando nas ruas".

CIPEIRO DA METAL LEVE

"O dia 21 joga pra rua um grito contido, enroscado na garganta de cada operário: greve geral, um anseio de há muito tempo. Cada operário sabia que não adiantava lutar sozinho, cada um na sua fábrica, já que os problemas são os mesmos para todos. Todos nós estamos sentindo o peso da crise econômica".

"Qualquer greve ajuda a aumentar o nível de consciência e organização, forja os operários para os embates futuros, une e deixa claro quem são os inimigos: o governo e os patrões. Agora, uma greve geral e política tem um poder muito maior, desperta muito mais gente. Na Mafersa

o número de operários que se mobilizaram para a greve é muito maior.

A divisão que existe no movimento sindical é devido ao baixo nível de participação das bases. Os operários estão unidos, não aceitam a divisão e quando partem para a luta, como a greve geral, eles tendem a passar por cima destas divisões. Os tagarelas e os traidores são esquecidos; porque os operários estão preocupados é com a união".

CIPEIRO DA MAFERSA

"A greve geral não vai resolver os problemas dos trabalhadores. Mas pra resolver é preciso de um começo e esse é um começo. A MWM não vai funcionar e a própria gerência já veio pedir para que a gente deixasse entrar pelo menos um electricista para cuidar do computador. Vamos parar a nossa fábrica e ajudar a parar as outras da região, vamos unir todo mundo contra este governo. Eu já participei de uma greve geral antes de 1964 e notei que houve um grande avanço após a greve. Isto deve se repetir agora". (um operário com 12 anos de MWM)

"Essa greve é o começo de uma luta. É a nossa primeira resposta para o governo. Os que não acreditavam na nossa organização e revolta vão ter que passar a acreditar. Representa um grito. Essa greve mostrará que nós estamos vivos". (um membro da comissão de fábrica da Ford).



No Ceará (foto), Maranhão, Alagoas, Campinas e Rio Grande do Sul foram realizados Enclats.

Trabalhadores realizam encontros intersindicais

No calor da preparação da greve geral, em vários locais foram realizados encontros intersindicais. Todos apoiaram a realização da greve e avançaram na organização unitária dos trabalhadores, passando por cima da estrutura sindical imposta pelo governo, e preparando um Congresso das Classes Trabalhadoras massivo e unitário.

Os gaúchos realizaram seu III Enclat entre 15 e 17 de julho, com a participação de 700 delegados e vários observadores, que foram ao encontro para debater o encaminhamento da greve do dia 21. As teses conciliadoras com o regime militar não encontraram apoio junto aos trabalhadores, que posicionaram-se por eleições diretas para a Presidência da República, revogação da Lei de Segurança Nacional, e pela convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana. Os acordos do governo com o FMI foram amplamente repudiados e houve ainda o posicionamento pelo não pagamento da dívida externa. Uma coordenação, de 23 membros, foi eleita para dirigir a Central Estadual dos Trabalhadores, com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, Paulo Paim, à frente.

CAMPINAS

Também Campinas, um importante município de concentração operária do interior de São Paulo, realizou seu III Enclat, com a participação de 20 Sindicatos, sete associações, envolvendo entidades de nove cidades da região. A ênfase maior do Encontro foi a greve geral, e foi ainda apro-

vado um plano de lutas que inclui bandeiras como a suspensão do pagamento da dívida externa, a revogação da política econômico-financeira vigente, a reforma agrária, as eleições livres e diretas em todos os níveis, e a convocação da Assembleia Constituinte livre e soberana.

CEARA

No Ceará, foi marcante a participação dos sindicalistas rurais entre os 300 delegados do Enclat local. A diretoria da Frente Sindical ficou com 13 representantes do campo, dois deles eleitos também para a Comissão Nacional Pró-CUT. Eleições diretas para presidente da República, Constituinte livre e soberana, suspensão do pagamento da dívida externa e reforma agrária radical foram bandeiras aprovadas no encontro. Um representante do Partido Comunista do Brasil leu, no Enclat, uma mensagem do Partido aos trabalhadores presentes.

ALAGOAS

Alagoas realizou um Enclat bastante representativo, com 10 Sindicatos de Trabalhadores Rurais, nove urbanos, e 13 associações pré-sindicais e de servidores, representados por 138 delegados. O presidente do

PMDB, Teotônio Vilela, esteve presente, e elogiou a representatividade e, em particular, a participação dos sindicatos rurais.

Cerca de 75% dos delegados detiveram posições amplas e radicais, como a luta pela reforma agrária, liberdades políticas e sindicais, e a greve geral. Mas um grupo, com visão estreita e sectária, que detinha a hegemonia da cúpula do movimento sindical no Estado, ao ver que perdia espaço, inclusive na composição da intersindical, desesperou-se e saiu do Encontro, levando consigo cerca de 30 sindicalistas e sete entidades. Diante dessa situação, o movimento sindical alagoano emitiu nota onde lembra que o "divisionismo só ajuda as forças sociais que não têm nenhum interesse numa vida de dignidade e de justiça para os trabalhadores", e repudia "toda e qualquer informação caluniosa e as de caráter policial que visam confundir os trabalhadores e o povo".

MARANHAO

No Maranhão, 347 delegados de 73 entidades sindicais, pré-sindicais e das Federações dos Trabalhadores na Agricultura e na Indústria realizaram o maior Enclat do Estado. Também ali houve problemas com um pequeno grupo que buscou dominar a nova Comissão Estadual Pró-CUT, mas foi derrotado. Os maranhenses posicionaram-se contra o regime militar e pelas eleições diretas para a Presidência da República. (das sucursais).

FAIXAS SALARIAIS	REAJUSTE SEM OS DECRETOS 2024 E 2045		REAJUSTE COM O DECRETO 2024			REAJUSTE COM O DECRETO 2045			PERDA TOTAL	
	%	Cr\$	%	Cr\$	PERDA PARCIAL	%	Cr\$	PERDA PARCIAL	Cr\$	%
Cr\$ 34.766										
1 salário mínimo	61.16	56.045	55.6	54.111	1.934	44.48	50.244	3.867	5.801	10.35
Cr\$ 69.552										
2 salários mínimos	61.16	112.090	55.6	108.222	3.868	44.48	100.488	7.734	11.602	10.35
Cr\$ 104.328										
3 salários mínimos	61.16	168.135	55.6	162.334	5.802	44.48	150.732	11.601	17.403	10.35
Cr\$ 173.880										
5 salários mínimos	58.89	276.358	55.6	270.557	5.801	44.48	251.220	5.801	11.602	9.10
Cr\$ 243.432										
7 salários mínimos	57.98	384.581	55.6	378.780	5.801	44.48	351.708	27.072	32.873	9,55
Cr\$ 347.760										
10 salários mínimos	57.27	546.915	52.2	529.513	17.402	44.48	502.443	27.070	61.874	8.14
Cr\$ 521.640										
15 salários mínimos	53.00	798.137	49.7	780.735	17.402	44.48	753.665	27.070		5.58

Veja quanto o FMI já arrancou do seu salário

Bandeiras entrelaçadas

O brutal achatamento salarial apontado no quadro acima foi, de certa maneira, o fator decisivo para o movimento grevista de 21 de julho. Isto pode parecer contraditório com o caráter político que a greve assumiu, mas no fundo não é. Trata-se de uma greve em que as bandeiras econômicas e políticas aparecem entrelaçadas. E este é, justamente o segredo da sua força, que surpreendeu a tantos.

Ocorre que as mais vastas massas de trabalhadores, sufocadas pela crise, chegaram no limite

da sua paciência. Mas ao mesmo tempo relutavam em partir para a luta, já que a própria crise dificultava o êxito de suas reivindicações econômicas. A greve geral apareceu então como uma saída. Enfeixou num só movimento as reivindicações econômicas mais urgentes para as grandes massas, mesmo suas camadas mais atrasadas, e as exigências políticas patrióticas e democráticas que indicam uma saída para a crise. Daí a adesão tão ampla, que por sua vez ajuda o conjunto dos trabalhadores a despertar para a ação política independente.

A tabela ao lado mostra até que ponto os sucessivos pacotes econômicos do governo têm sido calamitosos para os trabalhadores. O decreto 2012, rebatizado 2024, e em seguida o decreto 2045 arrancaram uma parcela considerável do poder de compra dos que vivem de salários.

Outra coisa que se constata é que os setores realmente atingidos foram justamente os de nível de renda mais baixa. Quem ganha até três salários mínimos recebeu uma facada equivalente a mais de 10% do seu poder aquisitivo. Em compensação, melhoraram de vida as faixas que recebem acima de 20 salários-mínimos, em grande parte formadas por gerentes, executivos, etc., que não recebem propriamente salários, mas um tipo particular de participação nos lucros do patronato.

Diante de um massacre salarial dessa magnitude, não é de estranhar a adesão a jornada do dia 21.

Grande participação dos gaúchos na greve geral

Vinte mil pessoas nas ruas, uma marcha de 25 quilômetros dos trabalhadores de Canoas, comércio parado, várias cidades com combativo movimento grevista. Assim foi a greve nacional do dia 21 de julho no Rio Grande do Sul. Nem a prisão de vinte líderes sindicais nem a concentração de centenas de policiais militares intimidou os gaúchos.

O movimento grevista teve o apoio dos partidos políticos de oposição e da maioria das entidades populares. Durante a concentração em Porto Alegre talou um representante do Partido Comunista do Brasil, muito aplaudido. Disse que seu partido desde o primeiro momento deu seu total apoio à greve, dela participando ativamente. Na praça as bandeiras do PC do B tremulavam.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e coordenador da Central dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, Paulo Paim, encerrou o ato afirmando que a greve geral e a passeata imprimiram uma contundente derrota a todos que, na imprensa burguesa e fora dela, pretendiam que a greve fracassasse. "Estes são os primeiros passos que estamos dando com mais firmeza, na caminhada pela defesa de nossos interesses, pisoteados pelos generais e o capital internacional" — afirmou Paim.

GRANDE PARTICIPAÇÃO

Na região de Canoas o movimento grevista atingiu 95% das metalúrgicas, 60% das indústrias alimentícias e a totalidade da construção civil. Em toda a grande Porto Alegre funcionou um sistema de comunicação entre os ativistas, a "Rádio Piquete". O comércio fechou quase todos; pelos cálculos dos fiscais de ônibus, o



A passeata dos 20 mil trabalhadores gaúchos trouxe grande entusiasmo popular.

O movimento de passageiros caiu 70%.

A concentração na praça da Prefeitura, em Porto Alegre, se transformou numa passeata de 20 mil pessoas que marchou o ponto alto da greve geral do dia 21. Papéis picados que caíam dos edifícios saudaram os manifestantes durante a marcha. O descontentamento dos trabalhadores e populares ecoou longe. Nas palavras de ordem gritadas havia o repúdio

à intervenção do FMI no Brasil, ao entreguismo do regime militar, a sua política brutal de arrocho salarial e repressão à luta dos trabalhadores. Também reivindicaram, repetidas vezes, a eleição direta para a Presidência da República:

"Um dois, tres, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!"

Um forte dispositivo policial foi montado para intimidar os manifestantes. A imprensa diária e particularmente a televisão tudo fizeram para estriar o movimento e boicotar as notícias, mas a greve era o sentimento geral dos trabalhadores.

A MARCHA DE CANOAS

Um momento de grande emoção foi o encontro dos milhares de manifestantes de Porto Alegre com os trabalhadores de Canoas. Mais de 2 mil trabalhadores, donas de casa e sindicalistas andaram durante cinco horas, numa marcha de 25 quilômetros, entre Canoas

e Porto Alegre, gritando palavras de ordem. Vieram engrossar a passeata dos 20 mil.

Em Pelotas os funcionários municipais aderiram totalmente a greve. Em Ijuí, seis das dez categorias de trabalhadores da cidade participaram da greve. Em Novo Hamburgo o comércio ficou totalmente parado. Em várias cidades, motoristas abandonaram os ônibus em plena rua, chegando a bloquear o tráfego. Os gaúchos participaram com energia do dia 21.

Mais notícias na pág. 8



A corrida da Polícia Militar, sob o comando da Polícia Federal

Repressão federal em São Paulo

O governo militar comandou a repressão ao movimento grevista em São Paulo. Do Palácio do Planalto foram enviadas recomendações ao governador Montoro para que garantisse a "manutenção da ordem" no Estado. O secretário de Segurança, Pimentel, reconheceu que 210, das 300 prisões efetuadas durante a greve, são de responsabilidade da Polícia Federal.

Um dia antes da greve o vice-presidente em exercício, Aureliano Chaves, assinou decreto regulamentando a subordinação da Polícia Militar ao Exército para "prevenir ou reprimir grave perturbação da ordem ou ameaça de sua irrupção". Ainda no dia 20, Aureliano disse, em cadeia de rádio e televisão, que todos — governo opressor e povo oprimido — "de coração e de sentimento afinados, haveremos de superar as dificuldades do momento". O decreto e o discurso foram elaborados pelo Conselho de Segurança Nacional, de quem Aureliano é mero porta-voz.

Mas as intimidações ao governo estadual não pararam por aí. O brigadeiro Valdir de Vasconcelos, ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, voçiferou: "Não vamos permitir bagunça". O general Sérgio de Ary Pires, comandante do II Exército, com sede em São Paulo, anunciou que havia conversado com Franco Montoro e que "os órgãos de informação estarão aptos e vigilantes" e ainda que, de sua parte, estaria "com minhas tropas de prontidão". Outro brigadeiro, João Alberto Correia Neves, considerou "ato de terrorismo" a convocação da greve contra a política econômica do governo, e deixou também seus comandados de prontidão.

Coube ao superintendente da Polícia Federal, Romeu Lima, e não ao

comando da Polícia Militar, informar que "o esquema da PM está pronto para reprimir qualquer piquete nas portas das indústrias ou nas ruas". E, diante de tantas pressões, o vacilante governador Montoro acabou indo à TV para anunciar: "Agiremos com energia e equilíbrio"...

O que se notou é que o Estado de São Paulo foi submetido a uma intervenção branca. Em Osaseo, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Antônio Toschi, denunciou: "A repressão foi algo nunca visto. Tinha mais policiais do que piqueteiros nas ruas. E a disposição deles era de que nós tínhamos que desaparecer. Dois tenentes com quem eu conversei me disseram que estavam subordinados ao Doi-Codi do Exército na repressão". Na Zona Sul paulistana o deputado Aurélio Pres (PMDB), testemunhando arbitrariedades da repressão nas portas de fábrica, questionava: "Final, eu gostaria de saber se a PM está sob o comando da Secretaria de Segurança ou da Polícia Federal, pois os PMs comentam que têm ordens da Polícia Federal para não deixar ninguém na porta das fábricas".

Já no dia 20, 12 elementos da Polícia Federal haviam invadido o Sindicato dos Bancários, depredando-o, e prendido oito de seus diretores, inclusive o presidente, e mais o responsável pelo jornal sindical e dois gráficos. Os policiais ainda tentaram prender dirigentes dos Sindicatos dos Metroviários e Marceneiros de São Paulo, e Químicos do ABC, sem sucesso. Intimaram, ainda, dirigentes da Pró-CUT a comparecerem à Polícia Federal. No dia da greve, os Sindicatos dos Metroviários e dos Bancários sofreram intervenção, e todas as suas diretorias foram cassadas.

Imprensa burguesa calunia movimento

As vésperas da greve geral a imprensa burguesa adotou abertamente o papel de defensora da repressão ao movimento grevista. Caluniou os operários, acusando-os de baderneiros, provocadores e subversivos. Como se não bastassem estas falsidades, alguns destes órgãos de informação proibiram seus repórteres de entrevistar lideranças operárias.

CONCLUSÃO COM O GOVERNO

A TV e o rádio, que cumprem um papel estratégico na divulgação e orientação da população pelo imenso público que atingem, contribuíram para aumentar o clima de tensão, ou silenciando sobre a greve ou colocando no ar declarações apocalípticas das autoridades. Os patrões, donos dessas empresas, em conluio com o governo, sabotaram por todos os meios o movimento grevista. A TV Globo, em particular, se esmerou em omitir informações e desinformar a opinião pública.

A imprensa burguesa, que manuseia a informação de acordo com os interesses de sua classe, particularmente no dia 21, na greve geral, fez

isso da forma mais desavergonhada. Se a imprensa falada calou sobre estes acontecimentos, a escrita deturpou os fatos.

O ódio contra tudo o que cheira a operário está bem representado no ultraconservador jornal *O Estado de S. Paulo*. Este porta-voz do imperialismo e do FMI não cansa de pregar em suas páginas a necessidade de se usar ainda mais rigor nas repressões aos grevistas, tratados por eles como agentes provocadores. Uma pérola de sua interpretação mentirosa dos fatos saiu estampada no editorial do dia 21, ao dizer que as lideranças operárias "estão usando a tática fascista da intimidação pessoal e da diluição do medo para obter a cessação do trabalho".

LIBERDADE DO PATRAO

Os trabalhadores se revoltam com justa razão contra este tipo de imprensa. É necessário ressaltar que os funcionários destas empresas jornalísticas são vítimas também, pois o que vai ao ar ou o que sai impresso não é o que eles pensam, mas o que o patrão dita.

Paralisações e protestos de norte a sul do Brasil

Agora a paralisação generalizada dos paulistas e gaúchos, houve numerosas greves parciais e enormes manifestações de rua em outros Estados dia 21. Foi o maior e mais importante protesto dos operários e demais trabalhadores brasileiros em 20 anos. Em toda parte a classe operária destacou-se no repúdio ao regime militar submisso ao FMI.

No Rio de Janeiro, os dois maiores estaleiros navais, o Ishikawajima e o Caneco, onde se concentra a parcela mais combativa e organizada do proletariado carioca, sofreram paralisação do trabalho. No Ishikawajima, cruzaram os braços os 3.500 operários, enquanto no Caneco a greve foi apenas parcial devido ao forte

esquema policial montado em seu redor. A greve atingiu ainda a fábrica TDK de fitas cassete. O ponto culminante da jornada de luta no Rio foi a manifestação que reuniu cerca de 80 mil pessoas na Cinelândia. A presença operária foi marcante e o anseio de participar na greve geral se tornou explícito, deixando patente a miopia política daqueles que se opuseram à greve e inclusive a desconvocaram. Aliás, um dos expoentes dessa corrente, o diretor do Sindicato dos Bancários Ivan Pinheiro, foi estrepitosamente vaiado pela massa de manifestantes. A tônica do ato foram as palavras de ordem contra a entrega do país à tutela do FMI, contra os pacotes anti-operários do governo federal, pelo fim do regime militar e por eleições diretas para a Presidência da República.

Em Belém, Pará, mais de mil

pessoas saíram às ruas. No decorrer da manifestação, vários líderes sindicais se pronunciaram contra os pacotes do governo federal.

Em Fortaleza, as portas das maiores empresas amanheceram ocupadas por tropas de choque da Polícia Militar. Mesmo assim as operárias da Kemp, maior fábrica de calçados do Estado, paralisaram o trabalho e saíram em passeata até o Estádio Carlipto Pamplona. Na fábrica de beneficiamento de castanha Iracema, as operárias cruzaram os braços durante 1 hora, mas a tropa de choque da PM obrigou-as a voltar ao trabalho. As paralisações se estenderam ainda aos setores metalúrgico e gráfico, que pararam parcialmente. No final da tarde, realizou-se uma entusiástica manifestação com mais de 4 mil trabalhadores, na qual se pronunciou um representante do Partido Comunista do Brasil. Nossos correspondentes dão conta de que durante todo o dia foram realizadas ações de protesto, como comícios-relâmpago em vários pontos da cidade, criando um clima de confiança e luta no seio dos trabalhadores.

Em Campina Grande, 8 mil pessoas fizeram uma passeata pelas ruas centrais da cidade. A manifestação reuniu ainda 72 entidades democráticas e populares. Na capital, João Pessoa, mais de 3 mil pessoas, sob a direção da Intersindical, realizaram um combativo ato público, convocado por 30 entidades sindicais e populares.

No Recife, cerca de 4 mil operários das 12 maiores fábricas metalúrgicas entraram em greve. Também pararam os garis de Olinda. Realizou-se na capital uma combativa e ampla manifestação popular com mais de 10 mil pessoas.

Em Aracaju, centenas de pessoas compareceram a um ato público de protesto.

Na Bahia, o clima de greve e o estado de revolta entre os trabalhadores só não se converteram em ações vigorosas e numa paralisação generalizada do trabalho devido à repressão patronal e à aparatosa operação de guerra acionada pela Polícia Militar. Os piquetes montados nas portas das fábricas foram selvagememente reprimidos e dezenas de atividades do movimento sindical e democrático foram denidos. Setores conciliadores desenvolveram uma sistemática campanha contra a greve, que também concorreu para desmobilizar os trabalhadores.

Em Belo Horizonte, realizou-se uma manifestação que contou com a participação de 8 mil trabalhadores. Depois do ato público, em que se denunciou a política antipopular do governo federal, os manifestantes fizeram uma passeata, reprimida por tropas da PM.

Em Vitória, Espírito Santo, além de algumas greves parciais, milhares de manifestantes também saíram às ruas para patenear a sua repulsa ao regime militar e a sua política antipopular e antinacional.

Em Goiânia, embora nenhum Sindicato tivesse decretado greve, cerca de 3 mil operários das empresas estatais Comurg e Convap cruzaram os braços. Mais de 3 mil pessoas saíram às ruas gritando palavras de ordem em favor da greve geral, exigindo eleições diretas para a Presidência da República e o rompimento dos acordos escravizantes assinados com o FMI.

Também na Capital Federal, Brasília, houve um ato de protesto que reuniu mais de 10 mil pessoas e 26 associações, sindicatos e entidades estudantis, além dos partidos de oposição.



A PM baiana cerceou até os deputados Haroldo Lima e Lutz Nova

Brahma proíbe compra de jornal

Escrevo para este combativo jornal, que representa os anseios da grande maioria do povo brasileiro, para denunciar um fato que nos ocorreu nesta semana de preparação da greve geral.

Fomos na empresa Brahma, multinacional, levando a *Tribuna Operária* e panfletos do Sindicato para os operários. Mas o sistema de repressão é tão fascista que os puxa-sacos dos porteiros, a mando do patrão, retiravam de dentro dos bolsos dos operários os panfletos sobre a greve geral. E os operários não compravam a TO pois segundo eles é proibida a entrada de jornais na empresa.

Saímos de lá e fomos para a Praça da Sé. A receptividade da população foi



Os operários se decidiram pela greve, apesar das dificuldades

muito boa, pois a necessidade de enfrentar a política antipopular do governo coloca para todos a tarefa de enfrentar este regime mili-

tar que levou o país para a crise. Nada mais justo portanto que a greve geral. (amiga da TO em São Paulo, SP.)

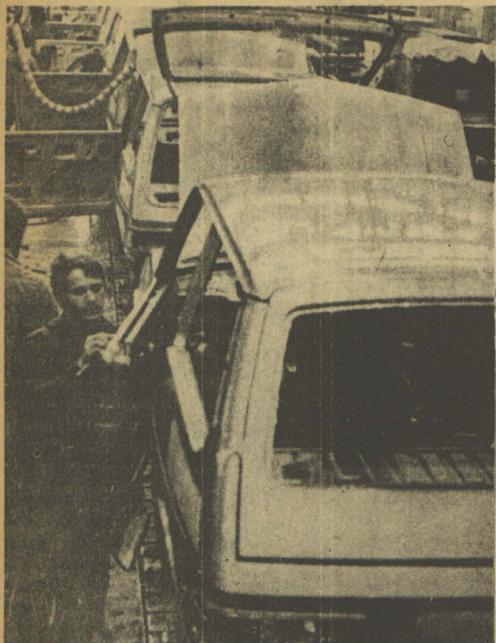
Recebemos uma carta relatando algumas dificuldades que os sindicatos vêm encontrando para encaminhar a decisão dos trabalhadores de realizar uma greve geral no dia 21. Mas como a própria carta relata, isso não impede que eles continuem firmes na defesa de seus direitos.



fala o POVO

Outras cartas relatando a morte do operário na Volks, as dificuldades dos trabalhadores em estabelecimentos hospitalares explicam porque cresce o sentimento a favor da greve no dia 21: desemprego, baixos salários, péssimas condições de trabalho, etc... Continuem a escrever, companheiros! Esse jornal é de vocês!

(Olívia Rangel)



Secção de montagem na Volks: cadê a segurança?

Máquina mata operário na Volkswagen

A Robo Skid fez sua primeira vítima na Volks. O companheiro Abelardo Ferreira de Mendonça teve sua cabeça esmagada pelo sexto pistão desta monstruosa máquina.

Este companheiro pertencia à GKW firma metalúrgica que faz serviços de montagem para a Volks. Para não parar a produção o companheiro foi fazer o serviço de reparo na máquina, sem desligar a linha. E foi trágico o resultado. Com 33 anos de idade, solteiro, tendo o registro nº 544, deixou de viver pelo interesse do capital.

Deixamos aqui nosso protesto contra estes critérios determinados pela citada empresa, que deixou o local de trabalho sem as mínimas condições de segurança. Agora outro companheiro ocupará o lugar e continuará havendo perigo de extermínio da espécie humana enquanto houver exploração do homem pelo homem, desconhecendo os direitos humanos, as leis trabalhistas e enquanto houver o arbítrio de chefes sem escrúpulos. (grupo de operários da Volkswagen Bernardo, São Paulo).

Prefeito de Batalha oprime os moradores

Venho através desta denunciar o que se passa na nossa Batalha (que de Batalha só tem o nome) e o que este prefeito do PDS de nome Antônio Machado fez e está fazendo conosco, trabalhadores do campo.

Desde que ele entrou ele botou um bocado de professores para fora, dizendo que eles eram do outro lado e que não queria ninguém que fosse do outro lado com ele. Teve quem chorasse, pois era o único ganha pão que tinha. Isso prejudicou nossos filhos, pois ele botou no lugar dos outros que nem sabiam escrever.

Nós, trabalhadores, estamos morrendo de fome e ele disse num jornal da capital que estamos passando bem. Ele está mentindo porque é só sair perguntando aqui no interior, para se ver o que se passa todo dia, sem nem uma garapa de açúcar para tomar de manhã.

O dono do Furrural daqui, que é filho dele, põe na sede uma tal de máquina de tirar cópia e cobram da gente 120 cruzeiros por este pedaço de papel. E todo trabalhador só pode tirar se for lá porque senão ele atrasa a papelada e a gente custa a receber a aposentadoria.

Falta água no interior porque não temos poço cavado. Ele só cava poço no terreno da família dele. O doutor também falou que no tal Plano de Emergência a gente não pode faltar nenhum dia, nem atrasar 5 minutos que o dia fica cortado. Não adianta trazer atestado médico se fica doente.

Não temos nenhuma segurança. Eles dizem que a polícia é para isso. Mas deviam botar outro delegado pois esse tenente Bosco toma cachaça quase todo dia. Mas quando a gente toma um pouquinho para esquecer a fome ele prende a gente.

Ouvi dizer que o culpado disso é um tal de FMI, que o presidente do Brasil correu prá ele para pedir dinheiro. Ora, prá onde vai o dinheiro de nosso plantio? Só o Banco do Brasil tira da gente um bocado de dinheiro só de juro. Toma até as cadeiras da casa da gente se não pagar em dia. Por que esse Figueiredo não sai logo e bota eleição prá presidente? Assim a gente botava lá em cima um que ajudasse a nossa classe, a classe de todos os trabalhadores. (R.S. - Batalha, Piauí)

Diretoria do Hospital Tatuapé é boicotada

A nova diretoria eleita do Hospital Municipal do Tatuapé está sofrendo vários problemas junto à Secretaria de Higiene e Saúde para conseguir verba a fim de solucionar os problemas da péssima administração da antiga diretoria, que na época era do PDS.

Um dos motivos primordiais dessa perseguição foi a eleição do candidato Dr. José Francisco Brant de Carvalho. A diretoria só foi empossada

devido à força da comunidade hospitalar.

Tendo em vista estes fatos o Hospital está passando as piores crises no momento. Não tem condições de dar assistência médica à população porque faltam roupas, medicamentos, cadeiras de rodas. E falta mão-de-obra, já que tinha sido cortada muita gente do setor de limpeza e alimentação.

(amigo da TO-São Paulo, SP)



Móvel trafica mão de obra para a Volks

A Movel, firma concessionária da Volks, é uma grande exploradora do trabalho alheio. A pretexto de que "não há serviço" demitiu, tempos atrás, quase todos os operários (deixando apenas um ou outro encarregado) que estavam nela desde a sua instalação em Conquista, há cerca de um ano. E agora, quando eles precisam, vão à casa dos operários, que continuam desempregados, e os fazem assinar um tal "termo de responsabilidade que os obriga a trabalhar à base de comissão". Ou seja, é o cúmulo da exploração.

A quantidade de trabalho dos operários juntos, traba-

lhando por vários dias, "até terminar o serviço", dá um bom lucro para o patrão, enquanto que cada um deles, "com 50% do orçamento" de cada empreitada, fica com uma ninharia. Por exemplo: se a firma cobra de um cliente 20 mil pelo serviço de chapada e pintura, depois de vários dias de trabalho duro, o operário recebe 10 mil, para depois ficar ocioso, sem ganhar nada por tempo indeterminado, até que a firma precise dele novamente. E os 20 mil cruzeiros que a firma cobra é apenas a título de pagar a mão-de-obra, pois ela cobra a parte, e com lucro, a tinta, as peças, tudo

que foi utilizado no conserto. E esses profissionais não têm INPS, FGTS, nada. A carteira não assinada, e eles, "se quiserem", que paguem a Previdência como autônomos, por conta própria. Quem é que pode? Aliás, a Movel nunca assinou a carteira de ninguém. (No entanto, a fiscalização anda caindo em cima das pequenas oficinas). Mas vejamos o que o desemprego cria: além de explorar os que estão empregados, os capitalistas ainda exploram a falta de emprego e exploram a miséria dos miseráveis. (H. C. do grupo de apoio à TO na Feirinha-Conquista, Bahia).

Hospital Matarazzo falsifica fichas de usuários do INAMPS

O Hospital Matarazzo ainda não pagou a diferença do 13º de 1982.

Neste hospital há fraudes contra o INAMPS. Pacientes com dores abdominais são medicados e dispensados. Depois sua ficha é alterada e fraudada. Chegam até a dizer que eles foram operados.

Falta material, as seringas descartáveis são esterilizadas e novamente usadas. Alguns pacientes são obrigados a comprar medicação, mas o mesmo é cobrado do INAMPS.

A alimentação é péssima. E servem café e almoço, mas ninguém janta. Os funcionários não recebem seus

uniformes. As gazes são de papel. As lâminas de bisturi, luvas, dreno, sonda vesical são todas esterilizadas e novamente usadas, até não terem mais condições para tanto. Com isto o INAMPS paga o mesmo material várias vezes e eles lucram com isso. (amigos da TO-São Paulo, SP).

Moradores do Conjunto Violin protestam contra aumento do BNH

Os moradores do Conjunto Violin, em Londrina, realizaram dia 15 uma passeata contra o desemprego e o aumento das prestações das casas do BNH.

O conjunto tem cerca de 500 famílias desempregadas, 35% da população do conjunto. Como se não bastasse o desemprego, as prestações deste conjunto, por ser o mais novo da cidade, são mais caras que dos demais, o que torna insuportável a situação financeira de seus habitantes.

A manifestação contou com uma passeata que percorreu o conjunto e terminou em ato público em frente ao barracão da igreja.

Durante o ato vários moradores colocaram os problemas que estão enfrentando com os aumentos do BNH, com o desemprego e a carestia de vida. Dona Lurdes, da Associação de Moradores, conclamou todos a não pagarem as prestações, obrigando o BNH a negociar. Lembrou também

que o responsável é o governo e disse: "Se o governo não nos ouvir, não resolver a situação, então é o povo que vai resolvê-la a sua maneira".

Durante o ato muitos trabalhadores portavam a *Tribuna Operária*, e liam interessados as matérias do jornal. O representante da turma falou durante o ato e conclamou todos a engrossarem a luta pelas eleições diretas. (do correspondente em Londrina, Paraná).

Rodoviários de Goiânia obtêm uma vitória

Nós, trabalhadores rodoviários urbanos de Goiânia, demos uma lição aos patrões. Eles tentaram de todas as formas acabar com o nosso movimento, demitindo alguns companheiros e pressionando outros. Mas mesmo assim não foi possível nos desarticular, porque estávamos unidos e com muita coragem para lutar e conseguir nossas principais reivindicações.

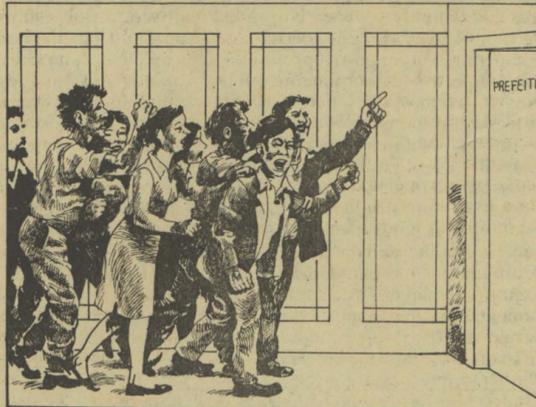
Quem não agüentou a pressão foram os patrões, porque negociaram conosco o mais rápido possível. Eles sabiam que iam paralisar todo o sistema de transportes urbanos de Goiânia, no dia 11 de junho de 1983.

Nós obtivemos uma grande vitória. Só não foi maior

porque Benedito Adorno, presidente do Sindicato, e Mateus Correia, secretário, traíram a categoria, desrespeitaram a assembléia geral e assinaram uma convenção que não atendeu nossas principais reivindicações.

Elas são: equiparação salarial em cada função; piso salarial pago a cada função; uniforme gratuito; passe livre a todos os trabalhadores no transporte urbano de Goiânia.

Vamos manter essa nossa união, e na próxima convenção coletiva vamos imobilizar os pelegos e conseguir todas as nossas reivindicações. (Sebastião Rodrigues, Donizete de Oliveira e William de Ataides, Goiânia, Goiás).



Lavradores exigem alimentos do prefeito

Cerca de 150 lavradores de Esperantinópolis, entre eles mulheres e crianças, ocuparam pacificamente a prefeitura municipal, objetivando falar com o prefeito Natal Carneiro, exigindo solução imediata para o problema da estiagem.

A concentração começou dia 11, segunda-feira, quando os lavradores provenientes de quatro povoados se dirigiram à Sede Municipal; reuniram-se na sede do Sindicato e dirigiram-se para a prefeitura, acompanhados de algumas lideranças sindicais.

Ao chegar começaram a entrar, mas foram barrados por um funcionário, que informou os manifestantes de que o prefeito não estava, pedindo que aguardassem mais um pouco. Todos ficaram esperando, uns sentados na calçada e outros dentro da prefeitura, um pouco impacientes. Cerca de meia hora depois ele chegou convidando apenas

alguns a entrar. Os demais foram barrados pelo Paulo Cirino, sobrinho do prefeito, e pelo vice-prefeito, José Felix. Porém o povo protestou exigindo que todos entrassem. Aí o prefeito abriu as portas.

Foram apresentadas várias reivindicações imediatas ao prefeito, como abertura de mais frentes de trabalho e alimentos; as existentes são insuficientes pois só foram alistados 300 trabalhadores num município de 4.300 habitantes em que 50% não tem o que comer.

O prefeito, como sempre, se limitou a dizer que estava ao lado do povo e que as reivindicações estavam sendo levadas ao governador. Foram entregues mais de 100 assinaturas para serem levadas ao governo, com prazo até o dia 30 de julho para atendimento das reivindicações. Os lavradores estão atentos.

(de um correspondente em Esperantinópolis, Maranhão).

Moradores expulsam pelego

Aurelina e Dona Zefa fizeram um grande trabalho arrancando o pelego Valdir da Sociedade Amigos de Vila São Francisco. Agora vamos lutar juntos com a nova diretoria da sociedade. Uma diretoria sem pelegos safados, explorado

res. Esses fatos não vão mais acontecer. Vamos trabalhar juntos com a nova diretoria. Vamos lutar por uma diretoria. (Joséla e Mané, seu Conrado e Aluísio, amigos da TO-São Paulo, SP).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A importância da greve geral

A greve é uma forma de luta de grande eficácia para a classe operária. Mas isto não significa que seja uma varinha mágica capaz de resolver tudo que os trabalhadores desejam. Lênin dizia que é uma escola de revolução, mas não a própria revolução. Principalmente uma greve geral coloca frente a frente a classe operária de um lado e a burguesia — e o governo que a representa — de outro.

O clima de entusiasmo gerado pela convocação da greve geral leva alguns trabalhadores a imaginar que de uma hora para outra é possível parar tudo e de uma tacada dobrar os donos do poder. São inclusive estimulados nesta idéia equivocada por certos grupos pequeno-burgueses, que gritam freneticamente em cada assembleia que "greve geral derruba general". Pode até derrubar. Mas em geral é insuficiente.

Em oposição a este sentimento, mas também fruto de incompreensão, outros trabalhadores dizem que a greve não adianta nada, porque não é capaz de liquidar o poder dominante. De certa forma são empurrados para este pessimismo pelos revisionistas, com o argumento de que o movimento sindical está pouco organizado ainda e que por isto a "greve geral deve ser posta de lado como forma de luta". O próprio governo joga neste mesmo campo, afirmando que nesta situação de crise não adianta parar a produção. Que o mais patriótico seria inclusive fazer uma hora-extra para o bem do país.

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A greve revela para os operários a sua força. Mostra que eles são a base fundamental da produção. Que se eles cruzam os braços toda a máquina de exploração, por mais potente que seja, fica paralisada. Esta grande verdade, quando vem à luz pela prática direta da luta operária, levanta imediatamente uma pergunta: por que os donos das fábricas e de todos os produtos são os capitalistas, e não os operários? A greve coloca então para toda a classe a questão da propriedade capitalista sobre os meios de produção. E na medida em que a polícia, a justiça, toda a máquina estatal sai em campo para combater os grevistas e defender os burgueses, desperta também os trabalhadores para a política, para a luta contra o governo.

A greve, mesmo quando é uma greve geral, não pode ser encarada, por tudo o que foi visto, como a única forma de luta, mas como uma das formas de luta. E não deve ser vista como um fim em si mesmo. Se deflagrada no momento oportuno e conduzida com acerto, pode obter conquistas importantes. Mas os revolucionários encaram a greve do ponto de vista da revolução. E na situação atual do nosso país, embora a idéia da revolução cresça rapidamente, ainda é relativamente pequeno o número de trabalhadores que têm esta consciência revolucionária.

AJUDAR A ORGANIZAR

Cresce portanto de importância a atividade dos operários conscientes nesta greve geral e no seu desdobramento. Desmascarar as falsas concepções espalhadas pelo governo e pelos traidores da classe operária. Ajudar a organizar a imensa massa que, mesmo sem compreensão de toda a extensão da luta, vai participar do combate movida pelo arrocho e até mesmo por instinto de classe. Difundir a idéia do socialismo como alternativa proletária para o falido sistema de exploração capitalista. É uma tarefa gigantesca num país tão grande como o nosso. Mas é um trabalho que corresponde às exigências da luta de classes na situação atual.



Os garimpeiros trabalham sem condições de segurança

19 mortes e muita revolta em Serra Pelada

Dezenove mortos e mais de 40 feridos numa queda de barranco na Serra Pelada no último dia 18. A única surpresa foi a proporção do acidente, porque as mortes são freqüentes e sobem a dezenas e dezenas os que já perderam a vida na Serra. Uns de acidente. Outros de doenças como pneumonia (a mais comum), e a meningite.

As péssimas condições de trabalho dos 60 mil garimpeiros que buscam desesperadamente o ouro estão piorando ainda mais, conforme vai chegando a data prevista para fechamento do garimpo, em novembro. A partir de então será mecanizado o processo de exploração do ouro.

É bem provável que este acidente seja usado pelo governo como justificativa para a retirada dos garimpeiros. Mas os trabalhadores atribuem a sua responsabilidade à Companhia Vale do Rio Doce. "A única preocupação da Vale é preparar a Serra para a mecanização", comentam os mineradores. Um engenheiro da Mendes Júnior teria sido, inclusive, afastado porque reclamou da falta de segurança dos garimpeiros.

A população da região está revoltada com o processo de fechamento do garimpo e todos os problemas que acarretará, na medida em que não existem alternativas de trabalho para os garimpeiros. Inclusive o ritmo do trabalho foi diminuído, com a dispensa de muitos trabalhadores do projeto Carajás. Os comerciantes de Marabá temem a realização de saques, quando as dezenas de milhares de garimpeiros descerem da serra para a cidade. Enorme é a dependência da região, incluindo parte do Maranhão e Goiás, do ouro de Serra Pelada. Com a diminuição do ritmo de pro-

dução, estima-se que já houve uma queda de 50% no comércio da área.

E há denúncias de corrupção envolvendo funcionários do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e da Polícia Federal. Eles estariam enriquecendo os barrancos mais ricos a seus apadrinhados, ficando com uma grande porcentagem do ouro extraído.

Um garimpeiro denunciou à **Tribuna Operária**: "No dia 15 de julho aconteceu a primeira revolta de greve. Um coordenador mandou a Polícia Federal e o pessoal do DNPM tomarem três barrancos da área mais rica da serra. Os garimpeiros se reuniram e gritaram: 'Queremos nossos barrancos!' Ai a PF nos cercou e prendeu quatro donos de barranco. Além disso há duas semanas o DNPM inventou uma nova medição de barrancos, tomando de nós os que já estavam no cascalho e dando outros muito em cima, longe do cascalho. E o DNPM está parando a draga, que puxa água de dentro do poço, assim que os garimpeiros vão chegando no cascalho. Os barrancos enchem de água e areia, e é novo trabalho que os garimpeiros têm de fazer".

Os garimpeiros pretendem resistir ao fechamento da Serra, e buscam se organizar visando isto.

(da sucursal de Belém)

Rodoviários gaúchos dão vitória à Chapa 3

A chapa 3 — Carga Pesada — venceu as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Transporte Rodoviário do Rio Grande do Sul, fazendo dois terços dos votos. O pelego e dedo-duro, Othello Oliveira, viu terminado seu reinado de nove anos no Sindicato. A vitória sagrou-se no segundo turno: 1688 votos para a 3, contra 748 para as chapas 2 e 1.

Oswaldo Gomes Rodrigues, o Galo, eleito presidente do Sindicato, afirmou que o resultado das eleições foi "a independência dos rodoviários. A partir de 26 de agosto a nova diretoria assume a entidade, junto com a categoria. Há muito tempo o nosso Sindicato estava tomado pelos patrões, pelegos e policiais".

A VITÓRIA

O sucesso da chapa foi resultado de um trabalho de anos junto à categoria, que vem desde a greve de 1979, passando pelos dissídios, cimentando um grupo ligado aos interesses dos trabalhadores. Este é o principal ingrediente da vitória, e que forjou a união de lideranças reconhecidas na categoria e nas empresas. A própria campanha foi um fator para a vitória, criando um clima de debate dentro das empresas, denunciando o dedurismo do presidente atual e respondendo a todas as tentativas de calúnia e intimidação.

Broquá, integrante da di-

retoria recém-eleita, considerou a vitória da **Carga Pesada** "o início da conscientização da classe rodoviária, que sentiu na chapa 3 uma liderança consciente, digna e capaz de defender os interesses da categoria e também de apoiar todos os trabalhadores que se propõem a esta luta".

O programa da chapa tem como ponto de honra a defesa das conquistas da categoria obtidas com a greve de 1979 e o dissídio de 1980. A luta vai começar pela reivindicação do pagamento dos 4 por cento de produtividade, ainda não realizado integralmente pelas empresas. Além disto, a nova diretoria pretende incorporar-se à luta pela formação da Central Única dos Trabalhadores.

Como disse Paulinho também membro da entidade, "conquistamos a liberdade para a categoria, que agora vai partir para outra fase, a de luta por melhores condições de trabalho para os rodoviários".

(da sucursal)

As misérias das enchentes no Sul

Centenas de mortes, milhares de desabrigados, prejuízos econômicos incalculáveis. As cheias no Sul do país trouxeram desgraça e miséria. Imediatamente o povo brasileiro se irmanou em solidariedade aos flagelados. Mas o governo não organizou sequer uma distribuição satisfatória dos donativos... Ficou apenas nos apelos demagógicos à caridade pública.

Está sendo realizado o inventário das destruições das enchentes no Sul do país. O governo anuncia que morreram 72 pessoas e 300 mil ficaram desabrigados. Números contestados pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, que calcula que o número de mortos não seria inferior a 500, podendo passar de mil.

Queixas contra o controle militar e ausência da Marinha

Foi impressionante o apoio popular por toda a parte às vítimas das enchentes. Milhares de toneladas de donativos foram enviados, de vários Estados, para Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. "Um pobre ajuda outro pobre até melhorar", diz uma canção, e foi bem o que aconteceu. Os 1.200 presos da Penitenciária de São Paulo fizeram jejum, dando 877 kg de mantimentos, além de Cr\$ 60 mil e pastas de dente, sabonetes e desodorantes. Junto com os donativos, mensagens do tipo "Amamos vocês. Não se apavorem".

Por seu lado, o governo... Bem, o governo impôs um verdadeiro controle militar à região. E, dos Cr\$ 3 bilhões anunciados para ajudar os flagelados, retirou Cr\$ 1 bil, sem maiores explicações.

Nas regiões submersas, são muitas as queixas contra a organização da ajuda aos flagelados, em especial o controle do Exército. Valmor Soares Filho, campeão mundial de Optimist e integrante do Iate Clube de Florianópolis, reclamou dos "interesses políticos" que prejudicaram o desenvolvimento dos trabalhos de transporte de alimentos e remédios. Segundo ele os militares relutaram em aceitar a participação do grupo do Iate Clube, e também o governador do Santa Catarina, Esperidião Amim, do PDS, prejudicou os trabalhos.

Maria Cristina Pfau, que ficou vários dias na Blumenau inundada, queixou-se também de que o governo do Estado e o Exército "só atrapalhavam; começaram a dar ordens militares para a população e impediam o próprio povo de se organi-



Uma casa amontoada sobre a outra, mas a família volta ao lar.

zar para se socorrer. Não dá, é claro, para desmerecer o trabalho dos soldados que foram lá e se sacrificaram. O problema era a concepção da coisa, impedindo o próprio povo de se socorrer e dando ajuda sabendo lá com que critério. Eu vi muita queixa na população de que algumas pessoas recebiam muito, outras, pouco. Um agente do Inamps, conversando comigo, disse que a distribuição dos donativos que chegam ao Estado é absolutamente aleatória, sem critério".

Preços extorsivos: um litro de leite custa Cr\$ 500,00

O deputado Edson Andradino queixou-se também da "ausência da Marinha. Isso, desde o início da situação, foi uma grande vergonha. Não havia ninguém da Marinha ajudando nas regiões inundadas".

Agora, que as águas começam a baixar, começam os perigos com ataques de cobras, aranhas, ratos... e também dos capitalistas ávidos de lucros exorbitantes. Em Santa Catarina o governo, demagogicamente, ainda chegou a tabelar o preço de 26 produtos. Mas o tabelamento da Sunab simplesmente não é obedecido e, como não há infra-estrutura para a fiscalização, a medida dá em água.

Assim, além do flagelo das cheias, o povo sulista está submetido aos preços extorsivos. Pães que custavam Cr\$ 250,00, estão sendo vendidos a Cr\$ 600,00; botijões de gás, tabelados em pouco menos de Cr\$ 1.900,00, vendidos a Cr\$ 5 mil; o litro de leite, Cr\$ 500,00; e a pilha média, que custa cerca de Cr\$ 200,00 e está sendo fartamente usada neste período em que

as cidades estão sem energia elétrica, está sendo vendida a Cr\$ 1 mil!

Através da grande imprensa, principalmente da televisão, foi criada uma verdadeira exploração da caridade pública, aproveitando-se da profunda solidariedade do povo às vítimas da cheia. Não cuidou-se, contudo, da distribuição racional das doações. Assim, em poucos dias as companhias aéreas passaram a recusar o recebimento de novos donativos por incapacidade de transportá-los. E os desvios das doações ocorreram sem que houvesse o mínimo controle do que acontecia. Denúncias de caminhões, carregados de donativos, que simplesmente desapareceram, ou do "estouro" de estoques particulares de donativos começaram a ser veiculados, timidamente, pela imprensa.

Favelados vasculham o lixo dos donativos em São Paulo

Nos depósitos de donativos, desempregados e favelados dos Estados de origem das doações viram a possibilidade de aliviar um pouco o sofrimento que também eles passam, mesmo longe das cheias, devido ao flagelo da crise econômica capitalista. Em Santo André, o diretor do Centro Social da Legião Brasileira de Assistência resolveu entregar aos famintos que rondavam o local a comida recebida para as vítimas das enchentes, diante da eminência de um saque. Na região do aeroporto de Congonhas, São Paulo, os favelados vasculham o lixo dos terminais de carga das companhias de aviação, à procura de algo aproveitável para eles, que não tenha sido levado para o Sul.

E o povo sulista, que foi deixado "gemendo e chorando nesse vale de lágrimas" em que se transformaram seus Estados, volta para suas casas, logo que as águas baixam, e novas cenas de desespero ocorrem. Como a do jovem de Porto Amazonas que, ao retornar para casa, vendo todos os seus pertences destruídos, após uma semana debaixo d'água, deu um tiro na cabeça. As indústrias afetadas pelas cheias, quase 7 mil só em Santa Catarina, já anunciam demissões em massa, tendo em vista as dificuldades da recuperação econômica, principalmente nestes tempos de crise. Os trabalhadores, que são sempre os mais afetados pelas tragédias, devido ao pequeno poder aquisitivo, sofrem por tanto, agora, o drama da vazante, a vazante de empregos.

(Carlos Pompe)

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36.7531 (DDD). Telex: 01132133 TLOPBR.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffly, Olívia Rangel
Sucursais:
ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69900. **AMAZONS** — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 — A (Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. **PARÁ** — Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000. **MARANHÃO** — São Luiz: Rua do Machado, 174 — Centro — CEP 65000. **PIAUI** — Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar — CEP 64000. **CEARÁ** — Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 206, CEP 60000. **Sobral:** Av. Dom José, 1236, sala 4, CEP 62100. **RIO GRANDE DO NORTE** — Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 102, Alcorim CEP 59000. **PARAIBA** — João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, sala 108, CEP 58000. **Campina Grande:** Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar — CEP 58100. **PERNAMBUCO** — Recife: Rua do Sossego, 221 — Boa Vista — CEP 50000. **Cabo:** Rua Vigiário Batista, 239. **Garanhuns:** Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3, CEP 55300. **ALAGOAS** — Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183, Centro, CEP 57000. **SERGIPE** — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sala 28, CEP 49000. **BAHIA** — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro CEP 40000. **Feira de Santana:** Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101, CEP 44100. **Camaçari:** Rua José Nunes de Matos, 12, CEP 42800. **Itabuna:** Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204, CEP 45600. **MINAS GERAIS** — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817, Fone: 224 7605 CEP 30000. **Juiz de Fora:** Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411, CEP 36100. **GOIÁS** — Goiânia: Av. Anhangüera, 3001, sala 1309, Centro, CEP 74000. **DISTRITO FEDERAL** — Brasília: Ed. Goiás, sala 322, Setor Comercial Sul, CEP 70317. **MATO GROSSO** — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321 5095, CEP 78000. **ESPIRITO SANTO** — Vitória: Rua General Osório, 127, sala 908, CEP 29000. **RIO DE JANEIRO** — Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208, CEP 20000. **Rio de Janeiro:** Rua Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira, CEP 20000. **Niterói:** Av. Amarel Peixoto, 370, sala 807, CEP 24000. **Duque de Caxias:** Rua Nunes Alves, 40, sala 101, CEP 25000. **Novo Iguaçu:** Rua Otávio Tarquino, 74, sala 605, CEP 26000. **SÃO PAULO** — São Bernardo do Campo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar, CEP 09700. **São Caetano do Sul:** Rua Sta. Catarina, 39, sala 303, CEP 09500. **Campinas:** Rua Regente Feijó, 592, CEP 13100. **Marília:** Rua Dom Pedro, 180, 1º andar, CEP 17500. **Piracicaba:** Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367, CEP 13400. **Ribeirão Preto:** Rua Sergipe, 119, CEP 14100. **Santos:** Av. D. Pedro II, 7, CEP 11100. **São José dos Campos:** Rua Sebastião Humel, 185, sala 7, CEP 12200. **Taubaté:** Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100. **PARANÁ** — Londrina: Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8, CEP 86100. **RIO GRANDE DO SUL** — Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29, CEP 90000. **Caxias do Sul:** Rua Dr. Montauray, 658, 1º andar, sala 15, CEP 95100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e Impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja 8 Telex: 267 3115, São Paulo-SP



Próximo ao aeroporto, favelados vasculham restos de donativos



O pátio da Mercedes, onde de 9 mil só 40 foram trabalhar, e o episódio da quase prisão do deputado metalúrgico (na foto, junto ao capitão)



O dia em que São Paulo parou

Um dia de feriado e combate de rua no ABC

O ABC paulista amanheceu dia 21 como num feriado. Lojas, bancos e fábricas fechadas, ruas semi desertas, ônibus quase vazios. A greve geral paralisou quase todas as categorias da região.

A Ford já parou às 22 horas da véspera: de 12 mil operários, nem cem foram trabalhar. Na Volks, com 21 mil operários (6 mil estão em férias coletivas), a greve começou às 2 da madrugada, e de manhã só entraram mensalistas, menos de mil. A Mercedes parou à 1:45, após uma assembléia no pátio; de 9 mil trabalhadores, só 40 entraram na fábrica.

Também pararam as outras duas montadoras da região, a Volks Caminhão e a Scânia, assim como várias pequenas e médias empresas. O índice de paralisação foi maior do que na greve do dia 7.

Em Santo André 80% dos metalúrgicos pararam, segundo Miguel Rupp, presidente do Sindicato: "A paralisação foi total na Pirelli; a GE também parou; até a Brosol, em Ribeirão Pires, parou". A categoria tem 43 mil metalúrgicos na base. Em São Caetano, metade dos metalúrgicos aderiu à greve. A GM, principal fábrica do município, fechou as portas.

A TURMA DA MARRETA
Os motoristas do ABC foram apanhados em casa, pela empresa e a polícia, e vários ônibus saíram às ruas escoltados por viaturas. Revoltados com isso, moradores de vários bairros tentaram pará-los. Mais de dez ônibus foram quebrados pela madrugada na Av. Marechal Deodoro. No Parque das Nações os morado-

res obstruíram a rua com bancos da Igreja.

Na Vila Palmares, constituiu-se a batizada "Turma da Marreta": um operário fazia sinal para o ônibus, outro vinha e dava uma marretada no vidro dianteiro do veículo.

Já o trem circulou vazio. Um ativista teve o cuidado de ver a catraca da Estação Mauá no dia anterior e viu que mais de 2.500 pessoas pegavam o primeiro trem, das 4:05 horas; na quinta, apenas 80 pessoas usaram o primeiro trem, e 30 o segundo.

Quase todos os comerciários também não trabalharam. As lojas ficaram fechadas, uma ou outra com meia porta aberta. Os bancos também não abriram, embora a maioria dos bancários tenha comparecido ao trabalho, sob ameaça de que "os que faltarem no emprego serão considerados grevistas e serão demitidos na sexta-feira".

PRAÇA DE GUERRA
Às 11:30, o feriado em São Bernardo virou guerra. Após um ato público de 3 mil operários, no Paço Municipal, a Tropa de Choque interveio para dissolver a manifestação e acabou jogando os trabalhadores na Av. Faria Lima, onde a revolta popular levou a um quebra-quebra. Mais de 15 ônibus tiveram seus vidros quebrados.

Os soldados se espalharam pela rua, jogando bombas de gás em todo o centro de São Bernardo, até dentro da Igreja Matriz. Houve cerca de 125 prisões e muitos populares feridos; o próprio deputado Djalma Bom (PT-SP) recebeu uma bomba nas costas. Mas muito PM também levou pedradas.

Osasco: "Vamos passar por cima desse regime"

Na cidade operária de Osasco, cenário de uma famosa greve metalúrgica em 1968, a paralisação foi em peso. Antônio Toschi, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, considerou que "a greve foi vitoriosa, pois os metalúrgicos não compareceram ao trabalho. Ficará como um exemplo positivo".

Toschi qualifica o movimento como "a greve dos que não vieram trabalhar", pois o grosso dos trabalhadores ficou em casa. Mesmo assim houve piquetes, duramente reprimidos. Tonhão, diretor do Sindicato, teve o dedo quebrado a cassetadas. Os piqueteiros, porém, contaram com a solidariedade dos demais trabalhadores. Numa fábrica, quando a polícia investia contra três piqueteiros, o vigia da empresa os socorreu: "Esperem! este pessoal trabalha aqui, só está esperando o apito tocar para entrar no trabalho". Assim que a PM saiu, os piqueteiros voltaram à ação.

Às 10 horas, uma assembléia intercategorias lotou o Sindicato dos Metalúrgicos. Um operário leu na ocasião uma nota do PC do Brasil. Uma trabalhadora, inflamada, destacou: "Vamos para os bairros, organizar o povo, vamos para as fábricas, e vamos passar por cima desse regime, que é pau-mandado do FMI. O FMI pensa que vai acabar com a pobreza impedindo os pobres de ter filhos. Mas isso nós não vamos permitir".

Houve também o depoimento de um velho operário: "Hoje meu coração bate bem mais calmo, porque a greve geral mostrou ao governo que o povo não quer que um país tão rico como o nosso seja empurrado na miséria".

Os banqueiros do Bradesco e do Unibanco, que têm sede em Osasco, obrigaram os funcionários a dormir na empresa para impedir a greve.

Uma legítima greve geral, puxada pela classe operária, com lugar de destaque para a categoria dos metalúrgicos, colocou São Paulo, no centro da jornada do 21 de julho. Veja aqui como foi o dia em que São Paulo parou, nas áreas onde a batalha pela greve foi mais intensa.

Paralisação de 70%

Categorias	Principais Empresas	Paralisação
Metalúrgicos	Villares	Total
	Metal Leve	50%
	General Elétric	Total
	Arno	Total
	Ford	Total
	Volkswagen	Total
	Philco	40%
	Filizolla	50%
	Mafersa	Total
	Burroughs	Total
Caterpillar	Total	
Metroviários	Metrô	Total
Bancários	Caixa Econômica	50%
	Estadual	60%
	Banco da Amazônia	60%
	Sudameris	60%
	Lar Brasileiro	Parcial
	Banco do Brasil	Parcial
Coureiros	36 empresas	Total
Vidreiros	Santa Marina	Total
Alimentícias	Anaconda	Total
	Sanbra	Total
	Açúcar União	Total
Gráficos	Abril Cultural	Total
	Noveoprint	Total
Eletricitários	Eletropaulo-Cambuci	90%
	CESP	60%
Químicos	Gessy	80%
	Lepetit	Total
	Hoechst	Total

O capitão desistiu de prender Aurélio Peres

Havia apenas um ou outro passageiro solitário, ou um vazio total, nos ônibus que começaram a chegar às 6 horas da manhã nas empresas da Avenida Nações Unidas, Zona Sul da capital paulista, um corredor que concentra cerca de 120 mil operários. Os piquetes tiveram pouco trabalho, exceto fazer frente ao frio cortante, à chuva e à polícia que dispersava qualquer aglomeração na porta das fábricas.

A paralisação foi total nas principais empresas da região, Villares, Caterpillar, MWM, etc. Na Monark havia poucas pessoas trabalhando. E mesmo na Metal Leve, que na véspera da greve concedeu um aumento geral de 15% aos operários, mais da metade deles não trabalhou.

Na porta da Villares, o deputado operário Aurélio Peres (PMDB) conversava com os grevistas e diretores do Sindicato dos Metalúrgicos quando a PM os intimou a se retirar. O deputado recusou: "Vocês só me levarão preso". E o capitão Nóbrega insistia junto a Aurélio quando

ouviu-se nitidamente, através do rádio de uma viatura, as instruções de um oficial superior para que o deputado fosse preso, "em flagrante", e se arrumasse quatro testemunhas para incriminá-lo. Afortunadamente o capitão teve o bom-senso de não cumprir a absurda ordem.

Enquanto isso, o Largo 13 de Maio, centro da Zona Sul e famoso pelos acontecimentos de 4 de abril, era tomado pela polícia. Os desempregados, principais frequentadores da praça, eram constantemente dispersados e não se permitia aglomerações. Foram feitas prisões.

Um metalúrgico cearense, desempregado, explicou a **Tribuna Operária** como via a paralisação: "Assim como o Figueiredo quer viver, todo esse povo que está morrendo de fome quer viver também. Esta greve já é parte de uma vitória; mas não é ainda uma vitória completa". Outro operário, da Sprecher Schuh, arrematou: "Chega do governo fazer a gente de cobaia, com pacote em cima de pacote".

Mil e uma greves na capital e no interior

Todo o município de São Paulo, com seus 8,5 milhões de habitantes, foi atingido em cheio pela greve geral.

Uma pesquisa levada a efeito pela TO, nos grandes terminais rodoviários da Praça das Bandeiras e do Parque D. Pedro II registrou uma queda de 60 a 80% no número de passageiros transportados. E os fiscais, motoristas e cobradores, que forneceram os dados, muitas vezes não escondiam seu apoio à greve. "Eu sou a favor, porque o governo, veja só o que está fazendo com a gente, só abre pacote a favor deles" — argumentou um fiscal da linha Santo André-Parque D. Pedro.

Um papel todo especial coube aos trabalhadores do Metrô — setor chave responsável pelo transporte de 1,2 milhão de paulistanos. A categoria, considerada indispensável à "segurança nacional", sofreu tremenda pressão. Mas, baseando-se numa forte organização e participação de massas, conseguiu manter o metrô totalmente parado até as 12 horas.

QUE PARE TUDO

Nas ruas esvaziadas de pedestres, a maioria das lojas fechou, exceto em pontos como a Rua Direita, constantemente patrulhada por seis viaturas da temível "Rota". Mesmo assim, os comerciantes se queixavam. O gerente do "Magazine Zogbi", onde de 30 funcionários só apareceram cinco, comentou: "Se tem que parar, que pare tudo mesmo". Uma frase que espelha o duplo motivo da insatisfação dos lojistas: medo de saques de um

lado, insatisfação com a queda do poder de compra do povo, de outro.

Nas agências bancárias do centro, o comparecimento de trabalhadores foi precário — "cerca de 70% sem condições de atendimento normal ao público". Várias agências pararam, e em algumas houve demissões já na quinta-feira. Os piquetes, desorganizados pelas prisões na categoria, mal funcionaram.

Em São Paulo a orientação que prevaleceu para a greve — "fique em casa" — não abriu espaço para grandes manifestações. Mas houve diversos atos menores de protesto, como um na Lapa que terminou dissolvido com rara brutalidade pela Polícia Federal. Em São Miguel Paulista, defronte da Igreja Matriz, uma manifestação de grevistas foi reprimida pela polícia às 7 horas. Mas os manifestantes voltaram à praça, a polícia não se sentiu em condições de reprimir e, até o meio-dia, fez-se um ato com 1.500 pessoas e oradores como dom Angélico, da Pastoral Operária.

Também nos municípios da Grande São Paulo a paralisação se alastrou. Em Embu, por exemplo, ela foi de 80% e contou com o apoio do prefeito, Nivaldo Orlandi (PMDB), que solidarizou-se firmemente com os grevistas.

Houve forte paralisação igualmente em Sorocaba onde os bóias-frias pararam. Campinas, São José dos Campos, Campinas, Jacareí, Taubaté, Franca, Pindamonhangaba, Suzano, Santa Branca, Itaquaquecetuba e muitas outras cidades.



Vários ônibus perderam seus vidros nos combates de São Bernardo

Central de Trabalho e Ação
Fundação Paulo Góes